

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

Tanielly Rosária Santos Silva¹

A obra *Olhares negros: raça e representação*, de bell hooks², foi publicada originalmente pela editora South End Press em 1992, nos Estados Unidos, com o título *Black Looks: Race and Representation*. No Brasil, a publicação ocorreu em 2019, pela editora Elefante, contando com o prefácio de Rosane Borges e traduzida por Stephanie Borges. As principais pesquisas e obras da autora são voltadas para as discussões de raça, gênero e classe (ELEFANTE, 2019).

bell hooks nasceu em Hopkinsville em 1952, uma cidade no interior do estado de Kentucky, nos sul dos Estados Unidos. Foi registrada como Gloria Jean Watkins, mas em homenagem à bisavó materna, adotou o pseudônimo pelo qual é conhecida. Para ela, nomes e títulos não têm tanto valor quanto as ideias, dessa forma, classifica seu pseudônimo como sinônimo de liberdade. Vinda de uma família bastante numerosa, bell hooks utilizou sua própria vida, sua vizinhança e a escola como fontes dos seus primeiros estudos. A autora formou-se em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e realizou seu doutorado na Universidade da Califórnia (ELEFANTE, 2020).

O livro *Olhares negros: raça e representação* consiste em uma coletânea de ensaios críticos que pretende analisar narrativas culturais e, através delas, direcionar um olhar diferente sobre a negritude, a subjetividade de pessoas negras e a branquitude. Através de um enfoque dado ao espectador, com destaque para a maneira em que a negritude — enfatizando-se a representação de mulheres negras — surge e é tratada pela mídia em suas diversas esferas (literatura, música, televisão e cinema, principalmente), a autora busca, ao longo dos textos, promover reflexões e tensionamentos, com o objetivo de romper com a maneira tradicional com a qual raça e representação é trabalhada. Nesse sentido, bell hooks tece críticas bastante detalhadas aos produtos e dispositivos da indústria cultural, tais como programas de TV, personagens consagrados da cultura pop, livros e filmes, com destaque para esse último.

Já em seu prefácio à nova edição, a autora introduz o conceito de auto-ódio internalizado pelas pessoas negras e o associa ao consumo das representações depreciativas da cultura negra na mídia, principalmente na esfera popular. Nesse ponto, a autora insere uma crítica ao afirmar que, mesmo quando em posição de autoria e direção das produções, pessoas negras tendem a reproduzir

¹ Graduanda em História (licenciatura) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Email: taniellysantos15@gmail.com.

² A autora opta pela escrita em minúsculo do seu nome, com a intenção de privilegiar as ideias e não sua personalidade. Dessa maneira, em respeito à sua escolha, seu nome aparecerá com iniciais minúsculas nesta resenha.

os padrões da cultura “(...) dominante imperialista, supremacista branca, capitalista e patriarcal” (HOOKS, 2019, p.25). De acordo com ela, mesmo quando esse padrão é quebrado e imagens libertadoras são criadas, permanece a dificuldade e a resistência em disseminar as novas visões, além do fato de que trabalhar dentro da estética racista limitante, sustentando-a, aumenta as chances de se alcançar dinheiro e popularidade na indústria cultural popular. Ao questionar a ausência de mudanças radicais na representação racial, ainda no prefácio do livro, bell hooks traz exemplos e começa a questionar o embranquecimento de artistas negros(as), além de apontar as consequências advindas quando alguém ousa recusar a estética supremacista branca e a consequente reprodução de estereótipos racistas. A autora afirma, na introdução, que os ensaios reunidos em “*Olhares negros: raça e representação*” são sobre identidade e constituem gestos de desobediência, pois se tratam de sua própria luta política para ampliar as fronteiras da imagem e encontrar palavras para expressar o que ela vê.

O primeiro capítulo do livro revela as dificuldades em torno da questão do amor pela negritude. Ao passar por definições como o “auto-ódio”, bell hooks traça uma série de situações em que busca explicar as origens desse obstáculo, fundamentalmente relacionado ao colonialismo e à supremacia branca. A autora argumenta que, para dar fim a esse processo, aprender a amar e a valorizar a negritude e desaprender os valores e atitudes do grupo hegemônico, faz-se necessário desconstruir a categoria “branquitude”. Pois, de acordo com a autora, ao fazê-lo, os brancos também se beneficiam nesse processo. O caminho para a desconstrução dessa branquitude e, por consequência, do racismo, se dá, por vezes, através de workshops que buscam mostrar às pessoas brancas que elas também são feridas por essa violência — ou seja, colocando-as mais uma vez no centro da discussão. De acordo com hooks, no entanto, esse direcionamento construído na narrativa de vitimização compartilhada é perigoso, pois mantém o branco na posição de protagonista, ao mesmo tempo em que dificulta a compreensão do impacto da dominação racista na vida daqueles que são realmente marginalizados. Além disso, na maioria das vezes, aqueles que não sofrem com essa dominação, normalmente lucram através dela, o que só comprova o equívoco dessa linha de pensamento. Contudo, a autora enfatiza a importância de reconhecer o papel possível da branquitude na luta antirracista, que não precisa, no entanto, estar estruturada na experiência compartilhada, mas “(...) Pode estar enraizada no entendimento ético e político do racismo e da rejeição à dominação de alguém” (HOOKS, 2019, p. 52). Nessa mesma linha, bell hooks também busca elucidar as diferenças entre sentimentos preconceituosos e racismo, visto que esse último está ligado a uma estrutura dominante que detém poder. Em vista disso, defende que, para alcançar a valorização da identidade negra, antes faz-se necessário romper com a autonegação que oculta o quão profundo é o auto-ódio dos negros, sendo necessária uma cura através da consciência. Dessa

maneira, ao amar a negritude como resistência política, torna-se possível alterar nossas formas de ser e ver e, conseqüentemente, lutar contra as forças de dominação que ceifam as vidas negras (HOOKS, 2019).

No segundo capítulo da obra, bell hooks aborda a forma como o desejo pelo Outro é expressado ao afirmar que, mesmo quando vulnerável à sedução da diferença, à Outridade, o sujeito que detém o poder não precisa abdicar de sua posição dominante de maneira definitiva. Isso se deve ao fato de que, para o grupo dominante, as escolhas sexuais se pautam, muitas vezes, na categoria de raça e etnicidade. Desse modo, as relações se dão como se eles estivessem apenas experimentando algo “diferente”, confrontando o Outro e deixando a “inocência branca” no passado, tendo em vista que pessoas não brancas são colocadas sob o estereótipo de sedutoras e experientes — no sentido mundano e sexual da palavra. Por vezes, negando sua responsabilidade e conexão histórica, a atitude de se relacionar sexualmente com o indivíduo de pele escura é interpretada pelo grupo branco dominante como uma forma de transgressão à norma racista e como forma de amenizar a culpa, já que, aparentemente, não fazem isso com o intuito de dominar. A autora argumenta ainda que, ao ter dificuldade em se aproximar do Outro, o branco encontra o caminho na indústria consumidora. Através de uma visão de caráter antropofágico adotada pela branquitude, hooks exemplifica sua teoria com produções cinematográficas que são focadas na ideia do “primitivo” e de como elas fortalecem estereótipos racistas. Uma vez que apresentam uma narrativa que priorizam poder e prazer, a autora também traz uma discussão acerca da representação negra masculina nas produções televisivas, ao apontar o quanto estas negam a dor dessas pessoas, fenômeno que se faz presente também no rap.

Através de um diálogo estabelecido com Audre Lorde, em seu terceiro capítulo, bell hooks também descreve a raiva e a rejeição de mulheres negras quando se olham no espelho e, conseqüentemente, quando olham umas para as outras. Esse reflexo, por sua vez, evoca uma imagem que as torna incapazes de reconhecer e valorizar o próprio ser e, por conseguinte, outras pessoas negras. Para compreender de maneira mais aprofundada e cuidadosa o tensionamento que a autora traz nesse momento basta analisar, através de uma perspectiva histórica, a constituição das sociedades, que têm o racismo como estrutural e estruturante. Estrutura essa que deprecia e imputa ao sujeito negro atributos negativos desde seu nascimento. Por meio da consciência política, no entanto, que não é um processo simples e rápido — tendo em vista que essa rejeição é fundamentada em um sistema racista e machista —, a autora afirma ser possível alterar essa realidade para um “(...) processo de empoderamento que possibilita que nos olhemos nos olhos, que nos cumprimentemos com solidariedade, irmandade e amor” (HOOKS, 2019, p. 99). Estabelecendo um contraponto, a autora questiona essa experiência negativa das mulheres negras,

trazida por Lorde em seu ensaio “*Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva*”. Para hooks, é necessário lidar com os diferentes contextos e realidades culturais, pois, ao não fazê-lo, corre-se o risco de criar erroneamente uma realidade “autêntica” da mulher negra que, por sua vez, transforma em *outsider* aquela que foge à regra.

Ao abordar a maneira como as narrativas de mulheres negras são criadas na ficção, bell hooks questiona os limites presentes nessa construção. De acordo com ela, embora as mulheres negras venham a se tornar “sujeitas” nessas narrativas, elas não se tornam sujeitas radicais. A autora traça diversos exemplos e, dentre eles, o da personagem Celie em *A cor púrpura*, de Alice Walker. No livro, a protagonista, após obter sucesso como empreendedora capitalista, se liberta de um ambiente doméstico violento e patriarcal e é recolocada em um mesmo contexto de relações domésticas no fim do livro, porém não mais abusivas. Aqui, a autora aponta que essas mulheres se libertam de limites impostos pelos outros, mas definem outros limites impostos por si mesmas. Ou seja, não se configuram necessariamente como feministas ou ativistas pelos direitos civis, não adotam uma postura radical de luta coletiva.

No que diz respeito às representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural, em seu quarto capítulo bell hooks chama a atenção para a maneira em que a presença dos negros, nos primórdios da sociedade estadunidense, permitia que “os brancos sexualizassem seu mundo projetando nos corpos negros uma narrativa sexual dissociada da branquitude” (HOOKS, 2019, p. 131). A partir disso, a autora utiliza o exemplo de Sarah Baartman que teve durante cinco anos, seu corpo nu exposto em diversas ocasiões e, mesmo após a morte, teve as partes mutiladas do corpo utilizadas como objeto de estudo, comprovando a visão exótica e desviante tida sobre esses corpos. Apesar de reconhecer que na contemporaneidade os corpos negros não sejam mais lidos como sinal “natural de inferioridade” racial, hooks chama atenção para o fascínio que a branquitude insiste em manter por bundas que — nessa linha de pensamento —, quanto mais avantajadas, maior a indicação de sexualidade elevada. De acordo com ela, na música popular são realizadas tentativas de desafiar as presunções no sentido de questionar a inferioridade, mas a bunda permanece como símbolo sexualizado e mantém, por sua vez, os olhares racistas e machistas.

Ao adentrar no imaginário racista do século XX, através da imagem de estrelas como Naomi Campbell, Tina Turner, Josephine Baker e outras, bell hooks apresenta a maneira persistente como esses corpos são extremamente objetificados. Ao fazer referência a essas personalidades, a autora destaca algumas trajetórias também marcadas pela violência e por relacionamentos abusivos. Nesse sentido, é interessante pontuar que as vivências das mulheres negras são também permeadas por uma solidão que vai além dos relacionamentos amorosos e se desdobra em âmbitos como o familiar, o escolar, o acadêmico e até o das amigas. Além disso, elas se sentem muitas vezes solitárias por

não se verem representadas na mídia e, quando acontece, é colocada uma camada de sexualização sobre esses corpos. Com isso, sua autoestima é profundamente afetada, o que as torna mais vulneráveis a relacionamentos abusivos, como os que são citados por hooks. Através da criação de imagens que diminuem a importância desses corpos e os tratam como descartáveis, por vezes essas imagens são capazes de penetrar e serem absorvidas pelo pensamento dessas mulheres. Nesse sentido, a autora explora cuidadosamente a maneira com a qual diversas artistas negras se apropriam desses “estereótipos negativos” no intuito de “(...) garantir o controle sobre a representação ou, no mínimo, colher seus lucros” (HOOKS, 2019, p. 136). De acordo com hooks, existem poucos filmes que exploram a sexualidade de mulheres negras de forma disruptiva. Como contraponto, a autora também destaca produções como o curta-metragem *Dreaming Rivers* (1989) e o filme *The Passion of Remembrance* (1986), além de diretoras como Kathleen Collins, que oferece olhares opostos à visão tradicional da sexualidade de mulheres negras.

No quinto capítulo do livro, bell hooks adentra a situação vivida por Anita Hall, uma mulher negra, em suas denúncias de assédio sexual contra o juiz Clarence Thomas. Conforme ela relata o ocorrido e reflete sobre ele, pode-se perceber a construção de uma crítica ao patriarcado supremacista branco capitalista que, por meio de seus mecanismos, possibilitou que Thomas, um homem negro, pudesse se beneficiar desse sistema (mesmo que provisoriamente) e desacreditar uma mulher negra. Em vista disso, a autora defende a necessidade de que, para cumprir com a agenda progressista defendida pelo feminismo, sejam tomadas posições radicais e ativas. Do contrário, as políticas conservadoras serão plenamente capazes de impedir a construção de uma sociedade mais justa e democrática (HOOKS, 2019).

O capítulo sexto da obra, “reconstruindo a masculinidade negra” merece ser destacado. Pois, ao trazer a discussão proposta pela autora para um cenário amplo e atual, torna-se possível observar que muitas de suas críticas nesse aspecto cabem, por exemplo, ao feminismo branco hegemônico. Esse, por sua vez, enxerga o homem negro a partir de uma lente absolutamente racista, depositando sobre ele uma série de características negativas e estereotipadas (agressivo, bruto, criminoso) e, portanto, simplistas e preigosas. Ao apresentar a maneira em que a imagem do homem negro é trabalhada pela mídia, bell hooks aponta e critica o quanto essas imagens são superficiais e carregadas de mitos e estereótipos, e também apresenta possibilidades mais complexas e reais.

No início do ensaio, hooks relata a vivência de seu irmão e a insistência do pai em uma criação marcada pela masculinidade patriarcal, à qual o irmão rejeitou o máximo que pôde. Ao sair do sul dos Estados Unidos e ingressar na universidade, bell hooks relata sua surpresa ao descobrir que, ali, as vivências reais dos homens negros que ela conheceu de perto eram desconhecidas para a cultura branca. Naquele ambiente, a masculinidade negra era tratada de maneira homogênea e

pouco complexa. Contrariando a historiografia que comprova que homens negros eram a “(...) espinha dorsal da economia escravagista” (HOOKS, 2019, p.176), as representações dos séculos XIX e XX reforçam uma figura caricata e alcoólatra. Segundo a autora, essa é a maneira que a branquitude racista encontrou de apagar as contribuições do trabalho do homem negro da consciência pública e, posteriormente, esse estereótipo seria — e ainda é — usado para a negação de empregos a essa parcela da população.

A autora também afirma que pessoas negras precisam questionar as articulações que a cultura branca faz para enquadrar o homem negro dentro do machismo, da misoginia e do falocentrismo. Tais representações só contribuem para reforçar o ideal do homem negro bruto e estuprador. Ao considerarmos o papel fundamental que a mídia exerce sobre o imaginário popular, influenciando-o em sua interpretação do real, representações estereotipadas sobre a figura do homem negro são extremamente perigosas, refletindo inclusive nas justificativas para o assassinato, criminalização e encarceramento em massa de homens negros em sociedades como a estadunidense e a brasileira. Por fim, bell hooks também reconhece e insere na discussão a necessidade urgente de uma ruptura com os posicionamentos misóginos dentro do movimento negro e, para isso acontecer, é necessário que os homens negros se oponham ao machismo. De acordo com ela, a responsabilidade coletiva é indispensável para o combate às mais variadas formas de opressão, para que os homens negros sejam capazes de reconstruir sua masculinidade sem ignorar a presença das mulheres negras, respeitando-as e lutando por uma liberdade em comum.

No sétimo capítulo do livro, “o olhar opositor: mulheres negras espectadoras”, bell hooks se refere ao período escravocrata e à maneira como pessoas negras escravizadas eram punidas por simplesmente olhar. Ao trazer esse panorama traumático, a autora nos convida a pensar em como essa política da escravidão pode influenciar, ainda hoje, na criação de crianças e na atitude das pessoas negras enquanto espectadoras. hooks acredita que as tentativas feitas no sentido de reprimir nosso olhar tenham desencadeado um olhar opositor, capaz de criar um anseio por mudar a realidade. Ao se referir aos críticos que trataram de olhares negros, a autora afirma que esses se preocupavam, predominantemente, com as questões de raça e racismo presente nas representações criadas pelos brancos. Ignoravam, porém, as questões de gênero.

Nesse ensaio, hooks também estabelece uma diferenciação entre os olhares do homem negro espectador e da mulher negra espectadora. O silêncio que vinha dessa última como espectadora servia para reafirmar a existência de uma indústria cinematográfica que constrói, em seu início, a presença da mulher negra como ausência; o que perpetua a supremacia branca. Desse modo, mesmo quando existe a presença desses corpos nas produções artísticas cinematográficas, eles são colocados no lugar de servidão, de manutenção da mulher branca como objeto do olhar falocêntrico.

Ao entrar em contato com essas obras, mulheres negras só são capazes de apreciá-las se ignorarem o racismo presente em cada uma delas, do contrário, essa tensão pode causar dor. A partir disso, hooks oferece diversos exemplos e discute a maneira pela qual as mulheres negras desenvolveram um olhar crítico e opositor a partir da recusa em se identificar com a construção da feminilidade branca, capaz de criar espaço no cinema para a produção de uma teoria que contemple a experiência da espectadora negra.

No oitavo capítulo, “Filmes de Micheaux: celebrando a negritude”, bell hooks apresenta a maneira disruptiva, desafiadora e contra-hegemônica que o diretor trazia a representação de pessoas negras no cinema. Em suas obras, ele não se limitava a apresentar uma visão positiva da negritude, mas transmitia toda sua complexidade. Na sequência, a autora apresenta o contexto que possibilitou a ascensão das identidades do *crossdressing* e da *drag queen*, discutindo como se deu e qual foi o seu impacto.

Ao refletir sobre a maneira que algumas pessoas brancas se relacionam com a negritude, bell hooks tece em seu décimo capítulo, “Madonna: Amante da casa-grande ou irmã de alma?”, uma crítica que problematiza a forma como esse amor declarado à negritude pode servir para encobrir um verdadeiro sentimento de inveja. A apropriação que artistas como Madonna fazem da cultura negra demonstra, na verdade, uma tentativa de serem “diferentes” e radicais ao se permitirem uma aproximação com a negritude considerada “indecente” e da qual a branquitude, no geral, se mantém afastada. Ao fazê-lo, Madonna se apropria dessa cultura e a transforma em objeto de seus anseios. Essa aproximação movida pela inveja, no entanto, é “(...) capaz de destruir, apagar, dominar e consumir o objeto de seu desejo” (HOOKS, 2019, p. 281).

Com essa problematização, em seu penúltimo capítulo bell hooks estabelece uma discussão sobre como a branquitude é interpretada no imaginário da população negra. Nesse sentido, o auto-ódio faz-se imprescindível para entender essa dinâmica, tendo em vista que o sistema hegemônico de dominação surgido com o imperialismo e o colonialismo é o causador desse repúdio à negritude, ao Outro. Segundo a autora, mesmo ao adotar um posicionamento que tenta se aproximar e imitar, de certa maneira, a branquitude, pessoas negras fazem isso por medo. A realidade do branco é uma realidade que fere e nega, portanto, ao se aproximarem, pessoas negras tentam — mesmo que de maneira inconsciente — se proteger.

No último capítulo, hooks aponta caminhos possíveis para a superação do sistema hierárquico capitalista de poder branco. Para isso, ela estabelece conexões que aproximam três grupos: os americanos nativos, os afro-americanos e os indígenas negros. Ao afirmar que a supremacia branca suprime o conhecimento acerca das conexões entre indígenas e africanos nas instituições de ensino, a autora chama atenção para o epistemicídio presente nelas. Além disso, ela

também fala sobre a maneira que os indígenas são representados nos filmes e na televisão, através de personagens fortemente estereotipados. Desse modo, é possível concluir que ambos — negros e indígenas — são afetados por essas imagens deturpadas. Por fim, a autora afirma que a busca pela história que tenta resgatar esse passado ancestral, como acontece na obra *Black Indians*, é capaz de ajudar no processo de resistir à dominação. A partir disso, torna-se possível “(...) erradicar a dominação e transformar a sociedade” (HOOKS, 2019, p. 341).

Em suma, a autora traz em sua obra um olhar crítico sobre o sistema de poder que privilegia o opressor branco: a branquitude. Para isso, a autora evoca imagens e representações diversas da negritude presentes no mundo midiático, se posicionando com críticas que se desdobram em análises da própria sociedade. Por meio de uma linguagem acessível, bell hooks conseguiu abordar com maestria debates acerca dos conflitos raciais existentes na sociedade, tida por muitos como igualitária. E, apesar de tratar sobre a realidade estadunidense, ao tensionar o status de universalidade da branquitude, por exemplo, torna-se possível pensar nesses olhares também no cenário brasileiro. Pois, em um país moldado sobre a falácia da democracia racial, em que o racismo se reinventa todos os dias na mídia e fora dela, — através de um sistema que garante privilégios materiais e simbólicos — criando imagens capazes de controlar e oprimir o sujeito negro, expor e criticar a branquitude torna-se fundamental. Além disso, a autora trabalha com um arcabouço cultural e histórico muito amplo, o que faz da obra, também, uma excelente fonte de pesquisa e aprofundamento para estudantes e profissionais do campo historiográfico, antropológico e das ciências humanas como um todo.

REFERÊNCIAS

BREDA, Tadeu. bell hooks, por favor. **Elefante**. [Blog Internet] Acesso em 17 de abril de 2021. Disponível em <https://elefanteeditora.com.br/bell-hooks-por-favor/>

BREDA, Tadeu. Quem é bell hooks?. **Elefante**. [Blog Internet] Acesso em 17 de abril de 2021. Disponível em <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/>

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.